

## DUPLO CONECTOR ADVERSATIVO: UM CASO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Fabíola Barreto Gonçalves (UFRN)  
fabiolabarreto@hotmail.com

### Introdução

Este trabalho partiu de nossa observação das produções textuais de alunos que, mesmo em face de uma produção monitorada, como é a redação escolar, ou em vestibulares (como pude constatar em exemplos de produções no vestibular ou no Enem), têm apresentado o uso conjugado dos conectores. Por isso, este artigo propõe-se à análise desse fenômeno que tem sido visto atualmente. Esse uso conjugado de conectores tem ocorrido com os condicionais “se caso”, por exemplo, bem como com os de adição “e além disso”. Quanto ao primeiro caso, temos o seguinte exemplo retirado do Enem 2013:

(1) Essa lei trouxe uma enorme missão, como de alertar o povo de que beber e dirigir não dá nada certo, e para quem faz esse ato de beber e dirigir, se for pego por alguma blitz ou fiscal, pode ter uma série de problemas para o indivíduo, SE CASO no bafômetro acusar muita quantidade de álcool [...]

Mesmo observando essas construções, nosso recorte incidirá sobre os conectores adversativos, quais sejam: "mas porém", "mas no entanto", "mas só que", entre outros, conforme exemplos citados a seguir:

(2) Já que, nas delegacias, as testemunhas prestam queixa, às vezes, reconhecem o autoado, MAS PORÉM, o processo de condenação é interrompido devido a falta desses dados e estes, assaltantes, voltam as ruas sem penalidades e, se quer, deixam de cometer assaltos.

(3) Dessa forma, torna-se em extrema importância a discussão sobre a visão social nesse contexto, em que câmeras e técnicas de melhoramento buscam coibir ações criminosas, MAS NO ENTANTO atingem o cidadão de bem.

(4) Significado de elfo: ser mágico, MAS ENTRETANTO mitológico, que traz alegria, histórias e músicas.

(5) significou muita coisa... porque ela:: quis dizer... que eu estava sendo indesejado ali... que eu estava demais... que eu estava atrapalhando ela... que ela não queria... que ela não queria nada comigo... MAS SÓ QUE:: que eu acho que ela:: usou... a forma errada de me falar isso... ela tinha que falar assim... eh... conversar... né?

(6) Tuas lágrimas correndo sobre tua face / Chegam a molhar teus gritos de socorro/ MAS CONTUDO não te rendas porque Deus/ Já mandou pra essa guerra reforço

(7) Tudo o que conhecemos de democracia, e seguimos copiando, foi concebido há duzentos anos. A melhor forma que se conhece de democracia é exercê-la através de eleições livres. Isso é muito bom, MAS TODAVIA não basta – disse o senador, citando Przeworski.

Os exemplos de (2) e (3) foram retirados de redações de artigo produzidas por pessoas que haviam concluído o Ensino Médio, cujo tema era se ele/a era contra ou a favor do uso de câmeras filmadoras em ambientes públicos, por ocasião do Vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Quanto a exemplo (4), foi retirado do site <<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/elfo/11903/>>, último acesso em: 14 Set. 2014. O exemplo (5) foi retirado do D&G<sup>1</sup> de Juiz de fora. Já o exemplo (6) é parte da letra de uma música de Rose Nascimento, cujo título é Só Jesus faz. O exemplo (7) foi um pronunciamento do então senador Marco Maciel, registrado no site do senado, disponível em <<http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2009/02/09/marco-maciel-sugere-aco-es-para-melhorar-democracia>>, postado em 09 fev. 2009, com último acesso em 14 set. 2009.

Essa é uma pequena amostragem do fenômeno que pretendemos estudar, investigando as inserções de conectores duplos que, isoladamente, exercem a função de conectores adversativos. No entanto, numa mesma sentença, podem estar sinalizando uma mudança em nossa língua.

Ressaltamos que nosso corpus é formado por amostras colhidas em registros orais e escritos, de modo a observar se essas duas formas, quando utilizadas juntas numa mesma sentença, expressam a mesma função, consistindo assim em um caso de redundância ou de exercerem funções diferentes; ou mesmo se há a necessidade de uma maior marcação; podendo ser, ainda, formas variantes em competição.

Como fundamentação teórica, buscamos amparo nos estudos funcionalistas, particularmente nos pressupostos de Bybee (2010); Givon (2001); Heine; Claudi, Hunnemeyer (1991); Heine; Kuteva (2007); Hopper (1998); Hopper; Traugott (2003).

## Sobre o processo de gramaticalização

Um dos pontos-chave da corrente funcionalista, sobretudo, norte-americana, diz respeito à gramaticalização, que consiste em um processo pelo qual itens lexicais e construções sintáticas, em certos contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Nesse caso, trata-se de um processo contínuo, de modo que os itens não passam imediatamente de uma função A para uma função B, há, na verdade, um estágio intermediário A-B. Além disso, durante o processo ocorre a sobreposição de funções e/ou significados e, em decorrência disso, sua interpretação torna-se, em alguns casos, ambígua. Os estudos acerca da gramaticalização têm demonstrado que o comportamento dos itens linguísticos não é discreto, o que permite, muitas vezes, que se possam codificar duas ou mais funções simultaneamente (GORSKI, TAVARES, FREITAG, 2008)

Heine e Kuteva (2007) apresentam a gramaticalização como a gênese e o desenvolvimento de formas gramaticais. Para eles, a primeira função dos estudiosos da gramaticalização é descrever como as formas gramaticais e construções aparecem e se desenvolvem ao longo do tempo e espaço, a fim de explicar o modo como foram estruturadas.

Para esses autores, um possível estágio final da gramaticalização é o de um item poder ser submetido ao processo de perda de sua função e terminar como um anexo de outra forma, passando, assim, a pertencer ao mesmo paradigma léxico morfológico. Esse item pode, inclusive, perder inteiramente o traço semântico ou formal.

---

<sup>1</sup> O *Corpus* Discurso & Gramática (D&G) é um banco de dados criado a fim de obter depoimentos orais e escritos de informantes nativos de cinco cidades brasileiras: Juiz de Fora (MG), Natal (RN), Niterói (RJ), Rio de Janeiro (RJ) e Rio Grande (RS).

Para Brington e Traugott (2005), a gramaticalização é concebida como uma mudança histórica que resulta na produção de novas formas funcionais. Não é simplesmente um processo de adoção ou incorporação de elementos não alterados em nosso repertório linguístico. Observando que, o último estágio é uma forma gramatical (funcional) que, em casos mais avançados, pode tornar-se semanticamente ou fonologicamente esvaziada (exemplos disso é o que ocorre com o *did* nas expressões interrogativas no passado perfeito do inglês e o morfema zero no português, respectivamente).

Gramaticalização seria, portanto, um princípio do funcionalismo que trata do rearranjo constante por que passa a língua. Seria um processo de regularização gradual em que um item linguístico usado com certa frequência com função gramatical específica, pode, uma vez gramaticalizado, assumir outras funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

### Sobre o uso conjugado das conjunções adversativas

Não faremos, neste artigo, um estudo aprofundado sobre a origem das conjunções adversativas, mas, grosso modo, nenhuma delas remonta ao latim, originalmente, com função de conjunção. Ou seja, mesmo isoladas já constituem formas que vêm se gramaticalizando. Nesse sentido, de acordo com Rocha (2006, p. 22)

[...] os sentidos de duas unidades linguísticas podem se relacionar de forma adversativa independentemente de haver, entre elas, alguma conjunção adversativa. Com isso, cabe perguntar se as conjunções são, então, desprovidas de sentido e desnecessárias à construção do sentido global de cada evento comunicativo.

Nessa perspectiva, se uma sentença pode ter valor adversativo sem a inserção de um conector, então, o que fariam dois conectores adversativos em uma mesma sentença? Seria um caso de redundância? A esse respeito, Lima (2005, p. 1) explica o fenômeno da seguinte maneira:

Consideramos que o emprego posição justaposta das conjunções adversativas “mas” e “porém” não retrata apenas a redundância de palavra gramatical muito fértil em textos escritos com características de língua falada, como também sinaliza esvaziamento semântico da conjunção “mas”, que passa a exercer uma função de partícula expletiva na sintaxe da língua escrita, o que, na oralidade, seria tomado como mero marcador conversacional, e o “porém” cumpre perfeitamente a função que lhe é cabível.

Na visão de Lima (2005), no uso conjugado das formas adversativas não há duas formas coocorrendo exercendo a mesma função, seria, portanto, uma exercendo a função de um marcador conversacional e a outra, sim, com a função de adversidade. Ele acredita que o caminho percorrido por essa duplicidade de conectores adversativos tem sua origem na oralidade, ou seja, no *modus pragmático*. O MAS seria, então, um marcador conversacional, não exercendo, portanto, a função adversativa, que ficaria a cargo do PORÉM (ou de outro conector adversativo). Outro fator que nos chama a atenção é que ele afirma que esse tipo de justaposição é “muito fértil”, ou seja, pode ser amplamente encontrada na língua portuguesa.

Uma primeira hipótese que surge com base em Lima (2005) é a de que a função principal de adversidade é patente, residindo no segundo marcador. Assim, a priori, acredita-se que o uso dessa justaposição pode estar sinalizando um esvaziamento semântico do primeiro conector (no caso o MAS), pela alta frequência de uso, fazendo com que o falante esteja utilizando esta estratégia – o uso de um outro conector de mesma função – para reforçar o sentido de adversidade. Nesse sentido, questionamos: seria realmente esse um caso de redundância? Seria apenas uma forma de enfatizar a adversidade ou essas construções apontam para uma mudança na língua?

A esse respeito, Silva (2009, p. 4) postula que se trata de um reforço adverbial, funcionando como um reforço da direção argumentativa do enunciado encabeçado pelo “mas”. Para ilustrar, utiliza o seguinte exemplo do português arcaico, para demonstrar que esse fenômeno já ocorre há bastante tempo: “Como assi seja que em duas maneiras se faça a alguém enjuria: hua per engano, e outra per força, o engano perteece aa rraposa, e a força ao liom, e cadahua delas he muy estranha da natureza do homem. MAS TODAVIA o engano he mais digno de sseer avorrecido (15LO, p. 17)”.

Castilho (2000, p. 128) corrobora essa ideia quando, acerca do MAS, afirma: “o caminho percorrido por uma palavra, ao longo do qual ela muda de categoria sintática, recebe propriedades funcionais na oração, sofre alterações semânticas, morfológicas e fonológicas, e inclusive desaparece, como consequência de uma cristalização extrema”. Ele acredita que o MAS seja uma palavra que passa exatamente por esse processo de cristalização, havendo casos como em “Embora homens de trabalho..., não tinham as unhas roídas dos tintos. Tinham mas era mãos adamadas (João da Silva Correia, Farândola, p. 130). (AURÉLIO V3.0)” em que Castilho explica que o MAS seria apenas um elemento discursivo, uma partícula expletiva, trazendo a ideia de reforço, com valor intensificador, demonstrando que constitui sentido no discurso, sem necessariamente ser um conteúdo semântico-funcional.

Ainda acerca dos conectores adversativos, Bueno (1963) informa que o uso conjugado prevê a ocorrência de duas funções, conforme explicaremos a seguir. Antes, saliente-se que ele elege como conjunções adversativas: mas, porém, todavia, contudo, senão, aliás, somente. Ademais, chama de continuativas as seguintes conjunções: pois, no entanto, entretanto, outrossim, portanto. Desse modo, já se percebe que, a priori, em alguns dos casos apresentados, já não seria o caso de um duplo conector adversativo, mas de duas formas com funções distintas. Como exemplo, Bueno (1963, p. 141) destaca: “MAS, CONTUDO, entrou a ouvir o santo por curiosidade”, além de “MAS, TODAVIA, nem com vender-me acho em mim cabedal para compra de tão alto valor”.

Acerca do duplo conector, Bueno (1963, p. 339) nos traz a seguinte explicação:

Mas – Originada do advérbio *magis*, ainda hoje é pronunciada pelo povo mais e como bem notou JOÃO RIBEIRO (Gram. Port. Superior, pág. 313, nota), teve outrora a função reiterativa e não adversativa que hoje tem. Por isto a encontramos ao lado de outras: mas porém, emprego que vive na fala popular do Brasil. Encontramos nos clássicos: mas contudo, mas todavia.

Nessa perspectiva, o autor prevê o uso de MAS PORÉM na fala popular e um uso mais “rebuscado” de MAS CONTUDO e MAS TODAVIA nos clássicos. Desse modo, o MAS não estaria sendo esvaziado semanticamente, no caso, seriam duas formas e duas funções distintas, visto que MAS já exerceu a função de advérbio e também já foi a ele atribuída a função reiterativa e não adversativa, como é comum atualmente. Quanto à segunda conjunção a que o MAS está conjugado, essa, sim, seria adversativa (embora ele também atribua a NO ENTANTO e ENTRETANTO a função de continuativa).

Neves (2002), inclusive, corrobora os estudos de Bueno (1963) quando apresenta a possibilidade de os conectores TODAVIA, ENTRETANTO, CONTUDO, entre outros, em

posição não inicial de uma sentença poderem ser inseridos mesmo que já tenham ocorrido outros elementos como MAS. A autora justifica essa coocorrência como sendo em consequência de uma gramaticalização tardia, ainda não concluída, indicando, assim, a falta de distinção entre o advérbio e a conjunção, o que só vem a reafirmar o caráter gradual da gramaticalização.

Maciel (1931 apud ROCHA, 2006, p. 27) indica que “entretanto, contudo e todavia têm mais função adverbial do que de conjunção”, desse modo, o autor inclui essas formas entre o grupo dos advérbios de concessão. Garcia (1992, p. 18), por sua vez, afirma que,

[...] por serem etimologicamente advérbios, as adversativas são menos gramaticalizadas, com exceção, segundo ele, de *mas* e *porém*, nos quais o traço de advérbio já estaria esmaecido. A etimologia explicaria por que no entanto, entretanto, contudo e todavia vêm frequentemente precedidos pela conjunção *e*.

O próprio Garcia (1992, p. 43) acrescenta:

As adversativas (*mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, *no entanto*, *entretanto*) marcam oposição (às vezes com um matiz semântico de restrição ou de ressalva). Por serem etimologicamente advérbios – Traço muito esmaecido em *mas* e *porém* mas ainda vivo nas restantes –, as adversativas, como também as explicativas e as conclusivas, são menos gramaticalizadas, quer dizer menos despojadas de teor semântico, do que *e*, *nem* e *ou*. Sua função de conjunção é, aliás, fato relativamente recente na língua, fato de ocorrência posterior ao século XVIII. Ainda hoje, os dicionários registram *entretanto*, (no) *entanto* e *todavia* como advérbios, embora lhes anotem igualmente a função de conjunções.

Quanto à forma encontrada para o uso conjugado é sempre MAS + conector (*porém*, *no entanto*, *entretanto*, *todavia*, *só que*). Desse modo, destacamos o MAS como a forma fixa e, acerca dele, encontramos, no estudo de Barreto (1999), algumas explicações. Vejamos: para ela, *magis* sofreu três processos que estariam inclusos no processo da gramaticalização, quais sejam: primeiro, foi o da recategorização, uma vez que passou de advérbio para conjunção; segundo, houve uma sintaticização, fazendo com que fosse redistribuído na sentença; por fim, ocorreu a semanticização, mudando, por conseguinte, o conteúdo semântico. Dito de outra forma:

[...] duas faces que convivem sincronicamente: uma face discursiva textual-interativa, em que o item preserva o valor semântico do advérbio de inclusão, e uma face sintática, fruto da gramaticalização desse advérbio, em que se abstratiza o valor de inclusão e se desenvolve o valor de contrajunção (BARRETO, 1999, p. 251).

Nessa perspectiva, Barreto (1999) esclarece que o MAS pode ser considerado, em determinados casos, um advérbio de inclusão e, em outros, uma contrajunção.

Nesse caso, temos uma segunda hipótese: o uso conjugado parece apresentar funções diferentes. A esse respeito, vários autores, a partir da etimologia da palavra e por meio de estudos diacrônicos, mostram que nem sempre o que chamamos hoje de conjunções adversativas apresentam, de fato, esse comportamento em todos os usos dos falantes de língua portuguesa.

## Uma breve análise

Em nossa pesquisa, tivemos como corpus exemplos do discurso oral (entrevista, discurso de falantes com os quais tivemos contato) e escrito, que consistiram em redações de vestibular, do Enem, artigos encontrados em páginas da internet (blogs, sites do governo, jurídicos, médicos, entre outros), letras de músicas, entre outros.

Para essa análise, não foram contabilizados os dados encontrados na internet, visto não haver dados satisfatórios sobre os produtores dos textos, tais como: gênero, faixa etária, nível de escolaridade, entre outros. Além disso, há a própria temporalidade de uma página em um ambiente virtual. Por isso, os dados “virtuais” foram considerados apenas como exemplificação e no intuito de ratificar a frequência no uso das formas ora estudadas em diversos gêneros textuais, tais como: artigos médicos e jurídicos, notícias, letras de música etc. Sendo assim, as 57 amostras consideradas provêm de: redação de vestibular da UFRN (2010) – 5 amostras; UFRN (2011) – 3; redação do Enem (2011) – 3; (2013) – 4; Varsul PB – 1; D&G (Natal) – 11; D&G (Juiz de Fora) – 1; D&G (Niterói) – 2; D&G (Rio de Janeiro) – 26; D&G (Rio Grande) – 1.

De início, apresentaremos na tabela 1, a ocorrência do duplo conector adversativo de acordo com a forma encontrada:

Tabela 1 – Ocorrência do duplo conector por formas encontradas

<b>FORMAS ENCONTRADAS</b>	<b>INSERÇÃO</b>	<b>%</b>
MAS (COM) CONTUDO	3	5,26
(MAIS) MAS NO ENTANTO	8	14,03
MAS PORÉM	3	5,26
(MAIS) MAS SÓ QUE	41	71,92
MAS ENTRETANTO	2	3,51
<b>TOTAL</b>	<b>57</b>	<b>100</b>

Desse modo, percebe-se uma maior frequência do uso da forma MAS SÓ QUE em detrimento das outras formas. Nossa hipótese é a de que essa forma está mais gramaticalizada. A seguir, a tabela 2 mostrará a modalidade da língua em que essas formas ocorreram.

Tabela 2 – Relação entre a forma encontrada e a modalidade da língua em que ocorreram

<b>FORMA</b>	<b>MODALIDADE ORAL</b>	<b>MODALIDADE ESCRITA</b>
MAS (COM) CONTUDO	-	3
(MAIS) MAS NO ENTANTO	-	8
MAS ENTRETANTO		2
MAS PORÉM	-	3
MAS SÓ QUE	38	3
<b>TOTAL</b>	<b>38</b>	<b>17</b>

A tabela acima encaminha para a ideia que esse duplo conector está sendo mais utilizado na modalidade oral, até porque os pressupostos sociolinguísticos têm mostrado que a migração ocorre da oralidade para a escrita, havendo, nesse caso, um domínio da forma MAS SÓ QUE. Além disso, nos textos escritos como as redações de vestibular, por exemplo, pode-

se aventar que as formas diferentes da dominante estão mais propensas a ser usadas, uma vez que são situações de interação mais formal, mais monitorada e mais marcada. Desse modo, os estudos que tratam do conector simples<sup>2</sup> já apontam que PORÉM, NO ENTANTO, CONTUDO são estruturas mais marcadas e com maior frequência em textos mais monitorados, embora não haja dados suficientes neste estudo para amparar essa hipótese.

Em relação ao MAS ENTRETANTO, no Enem 2013 foi encontrado o seguinte exemplo:

(8) O governo do nosso país tem estrutura sim para isso.  
MAS ENTRETANTO o problema não estar só em “beber e dirigir” o álcool em si é um problema que destrói muitas famílias, não só aqui no Brasil mais no mundo inteiro

Encontramos também nas redações do Enem a seguinte inserção de MAS CONTUDO:

(9) O maior intuito da lei seca não é penalizar no bolso do motorista e sim criar a cultura de que não é necessário desperdiçar tantas vidas de forma banal, assumindo um simples gesto de ingerir bebida alcoólica. MAS CONTUDO a não penalização de forma mais ríspida na multa, não seria tão eficaz já que o motorista ficaria impune [...].

Em relação ao MAS NO ENTANTO, temos um dado da modalidade oral, produzido por uma professora, com nível superior, em uma sala de aula, com alunos do curso de Letras, ou seja, mesmo na modalidade oral, era uma situação que exigia mais monitoramento na fala.

(10) MAS NO ENTANTO, eu não quero que um fique se escorando no outro não. 23/02/2010.

Outro detalhe é que as três inserções do MAS SÓ QUE na modalidade escrita partiram de informantes na faixa etária entre 12 e 15 anos, ou seja, o nível de escrita deles ainda está muito próximo da fala, tanto é que 2 (dois) deles escreveram MAIS SÓ QUE em lugar da forma MAS SÓ QUE, reforçando a ideia de proximidade com a oralidade.

Essas formas menos frequentes também parecem ter relação com o grau de escolaridade, pois as 8 (oito) inserções de MAS NO ENTANTO foram produzidas por informantes do Ensino Médio completo ou cursando o nível superior. Não colocaremos aqui os dados referentes à escolaridade, idade, pois não sabemos muitos detalhes acerca dos produtores das redações de vestibular, ou do Enem, apenas que os candidatos devem ter ou estar cursando, no mínimo, o 3º ano do Ensino Médio. Do mesmo modo, não faremos uma apresentação da relação gênero, por não dispormos desses dados em relação a alguns desses informantes.

Em relação à trajetória do fenômeno, de acordo com o que se tem até o momento parece ser a seguinte: MAS SÓ QUE – MAS NO ENTANTO – MAS PORÉM/MAS CONTUDO – MAS ENTRETANTO. Quanto a isso, ainda há muito o que se pesquisar.

---

<sup>2</sup> O que denominamos de *conector simples* é a forma canônica da língua portuguesa, que faz uso de apenas uma forma (ou duas, no caso de “no entanto”) para indicar a adversidade.

## Considerações finais

Esse fenômeno pode ter se iniciado no português falado, com a estrutura MAS SÓ QUE, visto que é a forma mais encontrada, pelo menos na nossa pequena amostra, estando atualmente como formas variantes e concorrentes. Parece ainda haver um predomínio da forma MAS SÓ QUE em registro informais, principalmente na fala e da forma MAS NO ENTANTO no registro escrito.

Além disso, a ocorrência desse fenômeno em provas de redação, em blogs de jornalistas, em discursos de políticos, textos jurídicos, médicos, religiosos, parece indicar que essa forma não está sendo estigmatizada. Inclusive, em alguns exemplos encontrados nas redações para vestibular, percebemos que o nível de escrita do informante apresenta muitos problemas, o que podia levar à conclusão de que é uma forma utilizada por quem não tem um bom nível de escrita da língua. No entanto, pela razão apresentada acima, de que há jornalistas, políticos, professores fazendo uso da forma, desmistifica essa ideia.

Em relação ao surgimento dessas construções, o atribuímos a um processo de gramaticalização em que, devido a razões de natureza cognitivo-comunicativa, duas formas adversativas passaram a ser utilizadas lado a lado e, em razão da grande frequência de repetição desse uso conjugado, acabaram por constituir uma construção gramatical. Conforme mostram alguns estudiosos, o MAS que inicia a construção conjugada pode, em alguns casos, ser apenas um elemento discursivo, podendo ser um caso de reforço ou mais um fenômeno que mostra que a gramaticalização está em processo, fazendo com que esses elementos gramaticais passem a desempenhar outras funções.

## Referências

BARRETO, T. M. M. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. 508f. Tese (doutorado em Letras) – UFBA. Salvador: UFBA, 1999.

BUENO, F. da S. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1963.  
BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BRINTON, L. J.; TRAUGOTT, E. C. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

CASTILHO, Ataliba T. *A Língua Falada no Ensino de Português*. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

DICIONÁRIO Informal. 2014. Disponível em:  
<<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/elfo/11903/>>. Acesso em: 14 set. 2014.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal (RN): EDUFRN, 1998.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 15. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1992.

GIVÓN. T. *Syntax*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GORSKI, E.; TAVARES, M. A.; FREITAG, R. M K. Restrições de natureza cognitivo-comunicativa: marcação vs. expressividade retórica em fenômenos variáveis. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português Brasileiro II*. EdUFF, 2008, v. 2, p. 101-117.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

\_\_\_\_\_; KUTEVA, T. *The Genesis of Grammar*. A reconstruction. Studies in the evolution of language. New York: Oxford University press, 2007.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.). *The new psychology of language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998, p. 155-175.

\_\_\_\_\_; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press., 2003.

LIMA, W. L. F. Vestígios de oralidade em redações de vestibular estratégia argumentativa. *Cadernos do CNLF*. v. 9, n. 1, agosto/2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/24.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2009.

NEVES, M. H. de M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

ROCHA, A. P. A. *Gramaticalização de conjunções adversativas em português: a busca da motivação conceptual do processo*. 130f. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC, 2006. Disponível em: <[http://www.livrosgratis.com.br/arquivos\\_livros/cp034910.pdf](http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp034910.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2013.

SILVA, T. M. A constituição do advérbio juntivo adversativo todavia na história do português. SILEL. *Anais...* v. 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em: <[http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2009\\_gt\\_lg08\\_artigo\\_2.pdf](http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2009_gt_lg08_artigo_2.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2009.